
Resenha

O gênero na(s) mídia(s): construções e reproduções de gênero e corpo nos meios de comunicação

Jorge Luiz Zaluski

Mestrando em História PPGH-UNICENTRO

MOREIRA, Rosemeri, CAMARGO, Hertz Wendel de, KLANOVSCZ, Luciana Rosa F. (Org.). **Gênero e os Meios: Imprensa, televisão e cinema**. 1ed. Londrina: Syntagma, 2014.

Os textos selecionados que compõem esta obra, além de contribuírem para a imaginação histórica, fornecem subsídios para a compreensão e debate sobre gênero, corpo, e transgeneridade em outras áreas do conhecimento, como a antropologia, sociologia, psicologia, literatura, comunicação, artes, dentre tantas outras áreas de interesse que abordam o gênero como categoria, ou então, buscam compreender as relações entre gênero e os meios de comunicação. Neste sentido, a coletânea possibilita ao leitor a apreensão de como a mídia utilizou do gênero para atingir seus objetivos, assim como foram utilizadas da comunicação para legitimar ou reforçar determinadas hierarquias e padrões sociais.

Organizado por Rosemeri Moreira e Luciana Rosar F. Klanovicz, ambas, doutoras pela UFSC e docentes do departamento de História da Unicentro, e Hertz Wendel de Camargo, publicitário e jornalista, doutor em estudos da linguagem (UEL), professor adjunto do departamento de comunicação social UFPR, e docente do mestrado em letras da Unicentro, ao selecionarem os treze textos que compõem a obra, permitiram trazer ao leitor diferentes reflexões sobre corpo, gênero e transgênero em diferentes lugares, épocas e contextos.

Com análises cronológicas, o livro está dividido em duas partes: na primeira, o conjunto de oito textos tratam da imprensa em jornais e revistas, investigações feitas em impressos e textos virtuais. Análises que tratam de diferentes estudos sobre o gênero desde a década de 1920 até o ano de 2010. Na segunda parte, apresentam-se cinco textos que buscam discutir sobre o gênero, corpo, a transgeneridade e a mídia audiovisual; abordando tanto a televisão como o cinema. Para tanto, traz debates sobre como propagandas de TV e cinema se utilizam do gênero para o consumo de seus produtos, assim como constroem, legitimam ou reproduzem posicionamentos sobre diferentes tipos de gênero.

Na primeira parte, a coletânea analisa jornais e revistas desde o início do século XX até o início do XXI, demonstrando como algumas publicações nacionais e internacionais idealizaram, estigmatizaram ou reproduziram modelos construídos de comportamento de corpo, gênero, e transgêneros, principalmente no que diz respeito em relação a condutas, afazeres, normas sociais, dentre outras questões destinadas principalmente ao público feminino. Assim, logo no primeiro texto, Mario M. V. Junior apresenta como o saber e discursos médicos foram utilizados junto às crônicas em jornais de Fortaleza, entre 1920-1930, para manter uma suposta ordem natural da sociedade, existindo hierarquias masculinas que defendiam uma suposta inferioridade feminina. “Os atributos recaíam sobre os sexos, formando, então, identidades de gênero mediante a instituição de modelos e antimodelos, de rotulações e estigmatizações tanto de práticas como de sujeitos.” (JUNIOR, 2014, p, 22).

A ideia de que a mulher deveria apresentar determinadas características, e, ainda, atender aquilo que foi atribuído como natural, também foi foco de observação de Rosemeri Moreira ao questionar os jornais paulistas das décadas de 1950-1970, referentes às notícias da entrada de mulheres para a polícia. “Fadas” ou “Feras”? Questiona como a imprensa tratava do assunto: “Ou seja, como mulheres, levariam o “feminino” às polícias, tornando a instituição mais acolhedora, compreensiva, sensível e maternal, principalmente no contato com esses grupos mais próximos da ideia de feminino”. (MOREIRA, 2014, p, 27). Mas, quando agiam com a força, eram tratadas como feras, algo que supostamente não era natural para as mulheres.

Ainda em se tratar do século XX, o livro traz reflexões sobre jornais e revistas destinadas ao público feminino, e a sua relação com a cultura de massa, além de como os movimentos feministas influenciaram também a comercialização destes periódicos. Tais apontamentos vão ao encontro de outro objetivo da obra, o de apresentar discussões voltadas ao ensino de forma que possa auxiliar os profissionais que buscam trabalhar com a problematização das mídias em sala de aula. Alguns textos trazem debates específicos de como utilizar jornais em sala, outros buscam questionar como estes meios de comunicação possuem grande influência na sociedade, e, que em muitas vezes acabam valorizando determinados grupos, excluindo outros, ou até mesmo criando estigmas sociais sobre estes sujeitos. Questões estas que devem estar presentes nas disciplinas de história, sociologia, filosofia, dentre outras que buscam a investigação sobre os temas abordados. Diante disso, este livro permite trazer ótimas contribuições tanto para a pesquisa como para o ensino.

A problematização sobre a construção de estigmas e exclusões sociais presente em vários textos é um dos pontos mais relevantes da obra. Além de permitir a compreensão dos temas, apresenta-se bastante crítica à idealização de corpos presentes em várias notícias e, principalmente, à violência de gênero, que pode ser física ou simbólica. Dois grandes exemplos disso estão nas contribuições de Marlene de Fáveri, ao investigar o Diário Catarinense, blogs, dentre outros noticiários, sobre o caráter apelativo que associa a beleza natural de Santa Catarina e o mercado de sexo, especialmente da na cidade de Florianópolis.

Entre uma variedade de análises, um dos pontos mais críticos do texto se refere especificamente a um impresso de propaganda turística feito pelo governo que diz: “Descubra Santa Catarina”. Slogan este que traz a foto de uma mulher loira, magra e de canga na praia, assim, descobrir Santa Catarina seria retirar a canga da mulher. Outro, de Igor H. Lopes de Queiroz, ao mostrar “Quando o travesti vira notícia”, propôs uma crítica bastante consistente percebendo como o termo foi utilizado para atitudes pejorativas, contribuindo principalmente para a marginalização.

Depreciadas pelos meios de comunicação, apresentadas ora como piada, ora como perigosa aberração, prostitutas, doentes, praticantes ou vítimas de crimes explorados de forma sensacionalista, o termo “travesti” vinculou-se semanticamente no discurso midiático ao perigo, ao crime, a doenças e prostituição. (QUEIROZ, 2014, p, 89).

Ainda sobre o tema, a segunda parte do livro inicia-se com diferentes olhares, agora tratando de discussões sobre o corpo, sexo e erotismo na pornografia a partir da metade do século XX. “Erotismo e pornografia no controle remoto: prazeres à mão”, como ficou denominado, faz uma abordagem do desaparecimento das salas de cinema pornográficas, e o acesso aos filmes pornô com o aparecimento de videocassetes e canais especializados. Luciana Klanovicz, além de perceber o consumo de tais vídeos, identificou a construção e a idealização de corpos héteros e com determinados padrões de beleza. Além disso, conseguiu compreender a relação entre revistas especializadas e o público leitor, este que escrevia com sugestões, críticas, dentre outras manifestações que são atendidas ou respondidas em próximas edições.

O livro traz também a análise de um seriado de TV, este que propõe a existência de uma mãe moderna que deveria seguir padrões já desnaturalizados, mas que ainda projetavam

O gênero na(s) mídia(s): construções e reproduções de gênero e corpo nos meios de comunicação

ideias nos corpos femininos. Ainda sobre produções cinematográficas, o texto sobre o filme *Desmundo*, junto às comparações à obra literária, apresenta problematizações sobre gênero e a imaginação histórica.

Hertz Wendel de Camargo, analisa o filme *Tirésias*, levantando discussões sobre sexo, corpo e transexualidade. Atendendo leitores interessados em pesquisas sobre o tema, o livro permite ir além, pois levanta discussões e desperta o senso crítico aos meios de comunicação. Assim, Camargo e Janiclei Mendonça encerram o livro com a indicação e comentários sobre 31 filmes para auxiliar professores, historiadores, profissionais da saúde, dentre outros interessados em levantar discussões e realizar pesquisas sobre preconceito, homofobia e a transfobia.